

Congreso Iberoamericano de Educación

METAS 2021

Un congreso para que pensemos entre todos la educación que queremos
Buenos Aires, República Argentina. 13, 14 y 15 de septiembre de 2010

EDUCACIÓN INTERCULTURAL BILINGÜE

Tradição cultural, diversidade e interculturalidade no educar: Por uma pedagogia do fuxico

Miguel Almir Lima de Araújo¹

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS. malmir@uol.com.br

Com o apogeu do fenômeno da globalização muitos de seus apologistas passaram a afirmar que as tradições culturais, com suas manifestações de natureza étnica, regional e local, implacavelmente iriam sucumbir. Parece que o que existe de mais precioso no existir humano, nas sagas humanas, é a presença do imponderável, do contraditório, dos fluxos tensoriais, do paradoxo, nas teias oblíquas da cultura.

Depois de algumas décadas de afirmação ostensiva dos processos de globalização e dos desdobramentos das contradições que dela se derivam, as expressões das diversas tradições culturais, com seus núcleos étnicos, com seu caráter de regionalidade e de localidade, que foram, em grandes proporções, subestimadas e ameaçadas, estão vivenciando processos de renascimento e de revigoração, de modo até surpreendente, em diversos rincões do planeta. Nesse rumo, Hall (2000, p. 77) declara que “Há, juntamente com o impacto do ‘global’, um interesse pelo ‘local’”.

Os processos de globalização, em suas múltiplas feições, tendem a instituir hegemonias homogeneizadoras como modelos que pretendem reduzir as diferenças, a diversidade das culturas aos estatutos de suas fôrmas empadronadas, de suas lógicas uniformizantes. Esses modelos pretendem funcionalizar o controle político, a mercadejação econômica e a domesticação cultural. A redução da multiplicidade, da diversidade das tradições culturais, a clichês uniformizados se instala através de processos sofisticados de dilapidação e de emplastamento das diferenças. Os padrões universalizados de consumo estabelecem normas unidimensionalizantes que garantem a eficácia de seu funcionamento. Esses modelos tencionam reduzir o dinamismo orgânico e estésico das tradições culturais, com a pregnância de sua vitalidade, à ordem mecânica e anestésica de seus aparatos que pasteurizam e homogeneizam.

Diversidade, diferença, pluralidade, heterogeneidade, são expressões que supõem a presença do conflito, da contradição, do risco, do desafio; implicam em abertura para o diálogo. Assim, são expressões que causam arrepio aos protagonistas dos sistemas de poderes que forjam uma globalização monológica. Sistemas de poderes que pretendem converter as expressões da diversidade das culturas em meros recursos domesticados pela lógica do controle e do consumo para que sejam empadronados e diluídos em produtos mercadológicos. Essas lógicas privilegiam a dominância do quantitativo, do ter, do que se reduz a coisa consumível, em detrimento do qualitativo, dos repertórios dos Sentidos humanos que robustecem o ser. Sentidos que se revelam, sobretudo, através das expressões da singularidade/pluralidade das diversas tradições étnico-culturais, das culturas humanas, dos tesouros de sabedorias da humanidade.

Morin (2000, p. 69) afirma que tem emergido um “movimento de ressurgência da identidade ancestral que ocorre em reação à corrente planetária de homogeneização civilizacional”. Diante dessa tentativa de homogeneização cultural, de redução das tradições culturais a meros artefatos de consumo, e, mediante as contradições que esses processos provocam com a exclusão da maioria da população a condições dignas de qualidade de vida; com os abusos aos direitos humanos e o esgarçamento das identidades culturais, tem emergido, nas últimas décadas,

processos de resistência e de desafios que estão conduzindo à revitalização e ao renascimento das tradições culturais.

Nos mais diversos recantos do mundo, pequenos grupos e comunidades, ONGs, Movimentos de Arte, Cultura e Educação etc. estão investindo de modo significativo em experiências que implicam no revigoramento e no fortalecimento das tradições culturais, nos processos de afirmação e de promoção de suas identidades culturais, dos valores primordiais que constituem o existir e o co-existir humanos. São micro-projetos que realçam a feição da diferença, que trazem o tom da esperança, a centelha da energia que anima a saga de indivíduos e grupos na afirmação dos símbolos mitopoéticos que vicejam o humano, que compõem as poéticas do cotidiano vivido/vivente.

Compreendo tradição cultural como expressão polifônica do *ethos* que configura os repertórios simbólicos constitutivos dos grupos, comunidades e povos nos contextos de sua vida vivente; como núcleos anímicos que traduzem valores, crenças e cosmovisões impregnadas nas camadas mais incontornáveis do corpo e da alma, dos imaginários humanos; como expressão viva e rediviva dos pensares e sentires humanos, marcada pelo ritmo de seu dinamismo e de sua plasticidade, e que, desse modo, permanece e se renova contínua e descontinuamente. Assim, a tradição não está estacionada nem se projeta de modo estático, mas se encontra em trânsito, nos compassos curvos e rítmicos do suceder da cultura, das vicissitudes da saga humana.

Os repertórios do *ethos* de cada tradição cultural são constituídos de conteúdos éticos e estéticos que traduzem os valores primordiais do bem e do belo de cada povo. Projetam os Sentidos da dignidade e da boniteza que inspiram dinamicamente cada tradição. O elã vital de cada tradição a torna volvente, en-volvente. En-volve seus protagonistas no compartilhamento de celebração das labutas, das proezas do viver.

Cada tradição, na esfera da cultura humana, com a seiva de seu vigor seminal, se renova constantemente através dos fluxos dinâmicos de significados e Sentidos que constituem o existir e o co-existir humanos de cada povo. Essa renovação se processa inspirada nas fontes nucleares dessas tradições com suas potencialidades imanentes e transcendentais de revigoramento e de recriação. Assim, toda tradição se renova para que continue existindo, para que permaneça viva, rediviva. No âmbito da cultura, o que não se renova tende a fenecer e a desaparecer diante do ritmo incessante das mutações da história humana. Portanto, tradição pode se traduzir na metáfora de um rio que permanece o mesmo mas que se renova permanentemente com o ritmo dos fluxos de suas águas, que alarga suas margens no descortinar de seus movimentos cíclicos.

Nessa perspectiva, identidade cultural conota a composição de um rosto singular, porém, constituído de uma configuração mestiça, plural. Ou seja, a identidade cultural traduz a coexistência entre unidade e diversidade, o igual e o diferente. Revela uma composição móvel que se altera continuamente mediante os fluxos tensoriais dos fenômenos da cultura. Canevacci (1996, p. 44) assevera que “A identidade é móvel, inventiva, fruto de uma ininterrupta contratação entre as absolutas diversidades com as quais tomamos contato”. Assim, a identidade é constituída de singularidade e de

pluralidade, do uno (um) e do múltiplo (outro/s); se renova permanentemente na cadência rítmica e in-tensiva dos fenômenos do existir, do co-existir. Permanecemos os mesmos seres singulares. Porém, no dinamismo dos influxos da vida, nos atualizamos, nos renovamos e nos reinventamos constantemente para que nossa existência se projete com vivacidade e Sentido. Portanto, identidade cultural pode ser concebida como um amálgama de heterogeneidades. Desse modo, como expressão viva do dinamismo, da plasticidade e da policromia do existir humano que configura cada singularidade.

As expressões das diversas tradições culturais, em seus múltiplos contextos geoculturais, foram e ainda são comprimidas e denegadas através dos processos de massificação da lógica da homogeneização e do consumo. Porém, do dinamismo dos recônditos dos inconscientes coletivos, da memória coletiva de inúmeras comunidades e grupos, o eco ressonante do espírito de resistência e de combate fomenta o renascimento das expressões que configuram suas tradições culturais. Assim, em sua cadência peculiar, essas tradições estão re-emergindo em processos expressivos de renascimento.

Como sabemos, nenhum poder instituído que se impõe na história humana é absoluto. Por mais empoderado que esteja um regime político-econômico, com seus mecanismos de opressão e de controle, no transcurso da história e nos limiares de seus limites e brechas, tende a insurgir o germe das contradições e dos fluxos tensoriais que potencializam outras e novas possibilidades e formas diferenciadas de expressão de valores, idéias e sentires. Ou seja, os processos de globalização, por mais que se imponham com suas pretensões totalitárias, no suceder do tempo, não conseguem dar conta de seu suposto totalitarismo. Nos rasgos de suas contradições rebentam formas alterativas e alternativas mediante as vozes dissonantes afirmadoras da heterogeneidade.

Grandes eventos como o Fórum Social Mundial, Fórum Cultural Mundial e Fórum Mundial de Educação etc.; grandes manifestações pelos direitos humanos e pela Paz, em que dezenas de milhares de pessoas que representam outras centenas de milhares se encontram co-movidas pelo afã e pela esperança de que “um outro mundo é possível”, pelo compartilhar de suas utopias, valores e crenças, são regados com a presença de manifestações tradicionais das mais variadas paragens do mundo. Essas experiências anunciam alguns dos fenômenos em que as tradições culturais têm estado cada vez mais presentes como símbolos mitopoéticos das identidades e diversidades culturais desses povos. Semanas de Cultura, Festivais de Arte e Cultura, Encontros de celebração da vida, Celebração das Folias de Reisado, de São João, de Samba de roda, de Bumba-boi, de rodas de Capoeira, das múltiplas formas de danças e cantigas tradicionais..., nos diversos rincões, têm estado cada vez um pouco mais presente na afirmação dos repertórios das diversas tradições étnico-culturais. Eventos realizados em escolas, Universidades, Associações, entre outras instituições, também estão sendo cada vez um pouco mais nutridos com o vigor dos símbolos dessas manifestações culturais.

Obviamente que em alguns eventos realizados, sobretudo nas instâncias em que o Turismo está sendo incrementado em sua dimensão estritamente

mercadológica, a presença de algumas dessas manifestações, muitas vezes, é articulada como mero espetáculo folclórico, revestido por recursos de estilização extravagante e anestésica. Postura que pode incidir na desfiguração e na desqualificação do caráter orgânico e vigoroso dessas expressões. Os protagonistas dos sistemas de poderes instituídos, com sua voracidade opressiva, são bastante astutos no absorver formas e conteúdos culturais na perspectiva de fomentar seus lucros, procurando, assim, reduzir as manifestações da tradição a objetos empacotados e adocicados para o consumo.

Os fenômenos da cultura humana, do existir humano, são constituídos de complexidade e de contradições, de ambigüidades e de paradoxos, de curvaturas e de indeterminação. Portanto, estes fenômenos tendem a ser irredutíveis a modelos que propagam a uniformização e a homogeneização de forma determinista.

Nesse horizonte, a complexidade das tradições culturais, com o vigor dos núcleos de seus enraizamentos dinâmicos, se traduz como fontes primordiais, como matrizes que nutrem (nutrizes) e fomentam os processos de afirmação, de nascimento e de renascimento dos símbolos reveladores dos valores e dos Sentidos humanos que constituem cada povo. O potencial anímico dessas matrizes inspira a imaginação criante, o inconsciente coletivo, a sensibilidade e as capacidades inventivas dos indivíduos nos desafios de afirmação, de criação/recriação da vida. Co-move e convida para as ações que implicam em renovação e invenção, em celebração e encantamento.

A abertura e a expansão da consciência e da sensibilidade humana para a compreensão e a vivência do fenômeno da diversidade cultural e da interculturalidade, em suas proporções singulares, parece estar sendo uma das perspectivas mais relevantes de contribuição nos desafios dos processos de re-humanização e de uma suposta regeneração do planeta terra. Na proporção em que nos dispomos a compreender os valores e Sentidos próprios de cada tradição cultural, podemos compreender melhor a singularidade de nossa própria tradição, a nós mesmos. Podemos compreender, sobretudo, como podemos nos enriquecer mutuamente na medida em que tecemos relações dialógicas de acolhimento e de entrecruzamento com as expressões da alteridade de outras tradições culturais, mediante nosso ser-sendo-com.

Diversidade vem de *diversus* e conota desafio entre diversos, fluxo tensorial entre diferentes, divergência entre múltiplos. Traduz um “movimento que advém da luta” (BERNARD, 2005, p. 75). Supõe, intrinsecamente, encontros tensivos entre pessoas e grupos diferenciados, “fricção interétnica” como condição que potencializa relações de inclusão implicando em abertura para as trocas dialógicas, para o acolhimento e crescimentos mútuos, se canalizados de forma altruísta. Como também pode levar às posturas excludentes que implicam em segregação e intolerância.

Diversidade cultural revela, portanto, a expressão da in-tensidade do dinamismo e da polifonia dos fenômenos culturais, em seus tons mais diferenciados, mediante os fluxos tensoriais que os impulsionam e vicejam; traduz as contradições,

tensões e torções que dão plasticidade a esse dinamismo fomentando encontros entre os diversos.

O reconhecimento da diferença, afirma, tanto a legitimidade da diferença dos outros, como da nossa própria diferença. Esse reconhecimento dis-põe o espírito de abertura para o surgimento de laços de interligação com os outros. Laços que incidem em compartilhamentos in-tensivos de saberes e de sentires, em processos que podem compelir à fraternização através da interpenetração e dos cruzamentos que nos engrandecem como seres humanos na celebração dos valores primordiais da paz, da solidariedade, da amorosidade, do bem e do belo. Só podemos com-partilhar, nos solidarizar, nos expandir e nos humanizar com mais amplitude, mediante os fluxos de relações entre os diversos, mediante o dinamismo da diversidade cultural.

São desafios tão difíceis quanto grandiosos que supõem espíritos despojados e abertos para que possamos tecer a urdidura das teias in-tensivas de relações que entrelaçam as in-tensidades humanas. São conflitos que, se bem conduzidos, podem ser traduzidos em dores de parto que podem fazer despontar o novo humanizante.

Enquanto estivermos guetificados em nossos nichos culturais considerando que somos o umbigo do mundo, imbuídos do sentimento de exclusividade e de insegurança para com as searas dos desafios que as relações com as alteridades nos interpõem; enquanto estivermos com os braços ensimesmados e atados em nós mesmos, não poderemos nos abrir para abraçar os outros, para compartilhar as angústias e inquietudes, as dores e os prazeres que, nos seus modos mais diversificados, constituem nossos existires como humanos. Enquanto estivermos aprisionados em nossas ideologias fundamentalistas e imediatistas que nos isolam e amesquinham, não conseguiremos projetar valores e utopias mais largos que incluem as diferenças, as alteridades, na sedimentação de ações altruístas, solidárias e fraternas.

Parece que cada vez se torna um pouco mais compreensível a relevância preciosa da diversidade cultural, da interculturalidade. A nossa própria condição biológica já traduz a presença da diversidade. Somos seres bioculturalmente imbuídos de diversidade e de unidade. É mediante o dinamismo do movimento, dos deslocamentos, que se insurgem os interfluxos entre a unidade e a multiplicidade que nos constituem; que a vida se processa, se projeta e se afirma; que ex-istimos e insistimos. O reconhecimento da diversidade cultural e a implicação com esta, com a biodiversidade, proporciona uma compreensão e uma postura espirituosa e ativa que nos implica com os valores primordiais da humanidade na busca de processos de (eco)fraternização. Valores primordiais que, no matiz peculiar de cada diferença, ressoa fundo na alma e no coração de cada um de nós, tão distintos e tão semelhantes: a paz, a fraternidade, a liberdade, a dignidade, a amorosidade...

Somos diversos, diferentes, mas somos também semelhantes na condição de sermos e de co-pertencermos à mesma raça humana. Creio que é, sobretudo, essa condição ontológica de semelhança e de diferença que nos impulsiona, que nos dis-põe para as possibilidades de encontros e de compartilhamentos com os outros, para

os processos de co-aprendência e de coexistência. Nos manifestamos através das mais diversificadas e ricas formas de expressão cultural, mas, em todas elas traduzimos nossas pequenezas e grandezas, fragilidades e forças, desejos mais fundos de seres humanos através de nossas potencialidades sensíveis e inteligíveis, da expressão das intensidades do corpo e do espírito, da razão e da emoção. Dessa forma, podemos vislumbrar, em nossas dimensões viscerais e imponderáveis, o cuidado com os valores que nos dignificam e nos tornam mais humanos, que embelezam nossa coexistência.

De modo geral, considerando os fluxos do dinamismo que compelem as diversas tradições culturais, nas teias de relações mais visíveis e invisíveis que atravessam as culturas, as expressões culturais mais específicas, em maiores ou menores proporções, são tingidas pela presença da interculturalidade. Salvo as situações extremas, se é que elas existem, os diversos agrupamentos humanos, notadamente em tempos mais globalizados, estão implicados através dos vários modos de intercâmbios, com mais proximidade ou distanciamento, pelas diferentes formas de relações interculturais. Os lugares em que habitamos se configuram como entre-lugares em que, consciente ou inconscientemente, nos entrecruzamos com os mais diversos modos de ser e de estar sendo-no-mundo, com os tons que compõem a policromia das redes simbólicas que plasmam a plasticidade de nossas tradições culturais, de nossos lugares contextuais.

Dessa forma, somos seres das encruzilhadas em que podemos compartilhar com os outros os repertórios de valores, idéias e crenças que nos constituem humanamente. Assim, o dinamismo da interculturalidade revela nossa condição de seres híbridos, matizados pela polifonia da diversidade de valores e de Sentidos que perfazem nosso existir e co-existir. Porém, na constituição dessa teia, co-participamos como indivíduos e grupos com o contorno e a fisionomia de nossa singularidade, de nossos modos próprios de fruir e de tecer a vida, de trilhar nossas aventuras e sagas. Panikkar (2002, p. 53) afirma que “la interculturalidad nos revela nuestros propios limites, nos enseña la tolerancia y nos muestra la contingencia de la condición humana”; nos proporciona a compreensão de que somos seres interdependentes e, assim, podemos nos complementar uns com os outros mediante os interfluxos de nossas singularidades e diversidades.

Considero fundamental para toda cultura local que não pretende se insular em si mesma, o estado deliberado de disposição, de abertura para a busca de relações dialógicas com as expressões de outras tradições culturais, de outras localidades, tanto para seu próprio fortalecimento e expansão, quanto para a busca de relações de compartilhamento e de aprendizagens com as alteridades. Sabemos que toda expressão chamada de global emerge de algum (ou de alguns) local, e que todo local é marcado, de algum modo, pelo global, por repertórios de expressões consideradas mais universais, no dinamismo que plasma as teias da cultura. O que me parece ser bastante relevante é esse estado de abertura crítica, dialógica e sensível para os entrelaces, para as sinergias que enriquecem mutuamente os protagonistas das relações interculturais vislumbrando a afirmação de nossas singularidades e diversidades, de nossa condição de seres interdependentes, na magnitude da dignidade e da boniteza da condição humana.

Para Fonet-Betancourt (2001, p. 256 e 257), a interculturalidade se plasma desde

una praxis de vida concreta en la que se cultiva precisamente la relación con el otro de una manera envolvente, es decir, no limitada a la posible comunicación racional a través de conceptos sino asentada más bien en el dejarse 'afectar', 'tocar', 'impresionar' por el otro en el trato diario de nuestra vida cotidiana.

Implica em nossa dis-posição interna para cuidar das relações de simpatia e de empatia para com os outros no dinamismo dos fluxos tensoriais do ser-sendo-com, na sedimentação de processos de co-aprendências e de compartilhamentos cotidianos.

A interculturalidade se configura na imagem de uma encruzilhada em que as diversas veredas se entrecruzam, se interligam, se conflituam, se expandem e se enriquecem mutuamente. Assim, a interculturalidade resvala no entramado do transcultural na proporção em que fomenta o dinamismo do trânsito que se processa através das relações entre as diversas formas de expressão cultural. Desse modo, as tradições culturais se atravessam, se entrecruzam e vão além de si mesmas se expandindo e se fortalecendo mutuamente fazendo despontar a perspectiva das relações de sinergia e de entrelaces. Relações que se plasmam mediante a expressão anímica dos valores mais fundos e vastos que compõem a complexidade e a polifonia da condição humana em nosso co-pertencimento à humanidade.

A INTERCULTURALIDADE NO EDUCAR: POR UMA PEDAGOGIA DO FUXICO

As práticas educativas instituídas se configuram pela predominância dos modelos instrucionais que as reduzem a ritos mecânicos e funcionais de formação para os papéis e funções sociais. Esses ritos são lastreados nas lógicas monológicas e instrumentais que privilegiam as posturas e procedimentos técnicos e os ditames da quantitatividade do ter, em detrimento das esferas da qualitatividade do ser, dos valores humanos primordiais. A supremacia dessas lógicas incide em processos de fragmentação e de separação entre saberes e culturas, entre os próprios seres humanos em que prevalecem as posturas individualistas e de competição que tanto barbarizam.

Concebo o educar, em sua acepção vasta e funda, como um “rito de iniciação” que conduz os seres humanos a processos de aprendizagens e de co-aprendizagens dos valores e Sentidos humanos primordiais que traduzem os saberes e sentires, os mananciais de sabedorias dos diversos povos da humanidade. Assim, educar como processos in-tensivos que nos mobilizam de modo prenante (corpo) e anímico (alma) nas buscas do ser-sendo-com-os-outros. Processos que acontecem mediante as encruzilhadas em que se entrelaçam valores e crenças, saberes e sentires que configuram a diversidade cultural de seus protagonistas.

O educar, nesse rumo, precisa ser adubado e nutrido nos núcleos da cultura vivida pelos indivíduos, nas fontes do *ethos* (sentires, valores, crenças...) de seus grupos e comunidades para que possa contribuir, com intensidade e fecundez, nos processos de afirmação das singularidades, da identidade e da diversidade cultural, de formação da sensibilidade crítico-criadora, da imaginação criante, no cuidado com os valores humanos. Esses processos, impulsionados pelo dinamismo da imagem metafórica do Fuxico, que explicito no próximo parágrafo, incidem na afirmação e no fortalecimento dos símbolos mitopoéticos que entrelaçam as expressões do mítico e do poético que configuram as identidades e diversidades culturais de cada povo. Podem contribuir na abertura dialógica para com as diferenças na promoção de relações in-tensivas de interligação entre a multiplicidade de formas de expressão das diversas tradições, com os repertórios das diversas culturas mediante o descortinar de relações interculturais.

A imagem do Fuxico, em sua composição originária nas tradições culturais dos Sertões, se apresenta como teia de retalhos de tecidos entrelaçados com sua estamparia multicolor e se configura, assim, numa metáfora que revela a vivacidade mestiça da cultura dos povos sertânicos. Os matizes da teia do Fuxico representam a policromia, a diversidade de tons da vida cotidiana dessa gente, da mobilidade intensiva de suas sagas; traduz a trama das inter-relações dialógicas, o dinamismo dos entrelaces, das trocas e partilhas presentes na urdidura das tradições culturais. Nossas tradições culturais se constituem na hibridação intercultural das fontes ancestrais ameríndias, africanas e européias, em seus processos dinâmicos de fricção, de interpenetração e de complementação; de deglutição antropofágica que inspira e faz partejar, de modo redivivo, novas formas e conteúdos culturais.

Nesse horizonte, o educar se configura como um território híbrido, plasmado de unidade e de multiplicidade; como uma encruzilhada em que se entrecruzam, intensivamente, os repertórios simbólicos das diversas tradições culturais de seus protagonistas constituídas de identidades móveis, do dinamismo de suas diversidades, do vigor de seus Sentidos. Território configurado como um entre-lugar que, assim, potencializa interligações dialógicas, mediante os desafios de seus fluxos tensoriais que podem implicar em modos de condução – pedagogias – de saberes e sentires que incidem em relações de co-aprendências que enriquecem, sinergizam e solidarizam.

Assim, as ações de educar se descortinam nesses entre-lugares potencializando encontros mestiços através de processos de compartilhamento e de cooperação entre os humanos mediante a afirmação e a renovação das singularidades e das diferenças, dos tons comuns das semelhanças que nos compõem; em que as singularidades de cada diferença podem proporcionar a dis-posição dos espíritos e corações para envidar relações in-tensivas que impulsionam a celebração da diversidade de saberes e sentires mediante uma *pedagogia da roda* que gira e entrelaça, na plasticidade das estampas policrômicas dos símbolos das tradições culturais.

A presença multicolor das diversas manifestações das tradições culturais na ação de educar, além da possibilidade de contribuir no processo de afirmação dos símbolos que caracterizam a identidade e a diversidade cultural dos indivíduos e grupos, de fomentar as relações interculturais, também proporciona o enredar de práticas educativas imbuídas da vivacidade e do dinamismo que compõem a sua plasticidade na intensidade dos fluxos que mobilizam o corpo e a alma de seus protagonistas. Assim, o vicejar das expressões das danças, das cantigas, das

linguagens poéticas, dos estandartes, dos ritos de celebração da vida, como expressões singulares que *animam* as sagas do viver cotidiano dos diversos povos, infunde mais prazer, vitalidade e encantação ao cotidiano do educar.

As expressões das tradições culturais na cotidianidade das ações educativas configuradas no entrelace do Fuxico, potencializam o suscitar da imaginação criante, do imaginário mitopoético de educandos e educadores através da plasticidade das estampas e das configurações de suas imagens e símbolos; proporcionam a fruição de saberes e sentires imbuídos de sabor e gosto mediante o vigor dos repertórios que revelam formas e conteúdos encharcados com as intensidades da cultura vivida e com o dinamismo rítmico de suas curvas e movimentos; engravidam processos de invenção e de reinvenção que, inspirados nesses mananciais da tradição, implicam em revitalização, renovação e expansão dos sentires, crenças e sabenças que robustecem o existir e o co-existir humanos; expandem a sensibilidade e a consciência dos protagonistas do educar.

A incrementação, nas atividades educativas, de experiências vivenciais em que o corpo e o espírito celebram a vida através das diversas manifestações culturais, das brincadeiras populares, fomenta os laços de afetividade, de solidariedade e de amorosidade; o compartilhamento do estar-juntos no descortinar da interculturalidade.

A maioria das manifestações presentes no cotidiano das comunidades e grupos é realizada em forma de roda, revelando, desse modo, como as sabedorias que daí emanam podem proporcionar o aprendizado do compartilhamento dos valores primordiais (solidariedade, generosidade, dignidade, beleza, amorosidade...), de sentimentos que nos entrelaçam e enobrecem. São vivências sorvidas com intensidade, marcadas pela contenteza e pela abertura do espírito e do coração que implicam em vias de aproximação dos indivíduos das diversas tradições mediante as trocas de energias (sinergias) que vivificam os rituais de celebração e de re-encantação da vida.

O educar intercultural se lastreia nas lógicas da inclusividade que primam pelas relações de interligação in-tensivas entre os diversos mediante os desafios da conflitividade inerente ao dinamismo dos fluxos tensoriais que perfazem as relações humanas. Desafios que implicam em atitudes de dis-posição de espírito e coração para que sejam envidados processos dialógicos, de trocas e compartilhamentos entre as diferenças. Processos que potencializam enriquecimentos e expansões mútuas através das teias híbridas de sinergização e de fraternização; de ações imbuídas de altruísmo.

Assim, um educar que implica nos processos de afirmação e de renovação dos valores e dos sentires que dão Sentido e encantamento à vida de seus protagonistas e que pode contribuir expressivamente nos processos de afirmação e de fortalecimento das identidades e diversidades culturais, no entrelaçar das relações interculturais envidando o senso de pertencimento local e de co-pertencimento planetário.

Nos quadrantes dos territórios do educar urge o alvorecer de uma *Pedagogia do Fuxico* que proporciona processos de ensinanças e de aprendizagens que conduzem aos compassos das co-aprendências (em que nos aprendemos uns com os outros) inspiradas e nutridas na fecundez das estampas multicores e do vigor dos repertórios de pensares e sentires de cada povo. Processos que se instalam mediante os fluxos de compartilhamentos das fontes das sabenças e sabedorias que configuram os valores e Sentidos primordiais que fecundam as vidas de seus protagonistas e que constituem a expressividade dos repertórios de suas tradições culturais.

Uma *Pedagogia do Fuxico* que se traduz na fruição do cavucar, do render e do entretecer os símbolos mitopoéticos das tradições culturais com a vivacidade dos Sentidos que as vicejam e que animam as sagas dos povos nas intensidades de seu viver cotidiano. Uma Pedagogia que, como a configuração do Fuxico, apresenta aberturas para os entrelaces interculturais com os repertórios de outras tradições culturais; que realça o dinamismo e a vivacidade dos modos de ser e de estar sendo no mundo com os outros de cada povo, de seu espírito ativo impulsionando aos desafios e labutas que compõem suas sagas. Que afirma e fortalece o existir e o co-existir de cada povo como protagonista de seus próprios destinos, abertos para as trocas que os complementam e enriquecem mediante as relações intra e interculturais.

Portanto, um educar intercultural pode incidir em processos in-tensivos de interligação e de compartilhamento entre a diversidade dos grupos e de culturas na afirmação dos valores humanos primordiais, da altivez de nosso ser-sendo-com-os-outros, de nosso co-pertencimento planetário.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. O vigor das tradições culturais dos sertões Semi-Áridos na ação de educar. In: *Caderno Multidisciplinar Educação no contexto do Semi-Árido brasileiro: Currículo, contextualização e complexidade*. Ano 02, n. 04, dez. 2007.

ARNAIZ, Graciano González R. *El discurso intercultural: prolegómenos a una filosofía intercultural*. Madrid: Biblioteca nueva, 2002.

BERNARD, François de. Por uma redefinição do conceito de diversidade cultural. In: BRANT, Leonardo. *Diversidade cultural: globalização e culturas locais – dimensões, efeitos e perspectivas*. São Paulo: Escrituras Ed.: Instituto Pensarte, 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel; Instituto Cultural Ítalo-brasileiro-Instituto italiano di Cultura, 1996.

DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

FLEURI, Reinaldo Matias. *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

FORNET-BETANCOURT, Raul. *Transformación intercultural de la Filosofía*. Bilbao: Ed. Desclée de Brouer, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MORIN, Edgar. *Sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PANIKKAR, Raimon. La interpelación intercultural. ARNAIZ, Graciano González R. *El discurso intercultural: prolegómenos a una filosofía intercultural*. Madrid: Biblioteca nueva, 2002.

